

O texto jornalístico como fonte de informação para a construção do discurso da mídia audiovisual

Márcia Valéria Alves Gomes

*Professora Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, SP.
Mestre em Comunicação Midiática, pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP – Campus de Bauru, e-mail: marciavaleriag@yahoo.com.br*

Nelyse Aparecida Melro Salzedas

*Professora Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, SP.
Doutora do Mestrado em Comunicação Midiática, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP – Campus de Bauru, e-mail: nelysesalzedas@yahoo.com.br*

Resumo

O objetivo desta pesquisa é fazer um estudo comparativo entre o discurso da mídia impressa e o discurso do meio audiovisual, neste caso o cinema, na divulgação de um fato: o assalto ao trem pagador, que ocorreu em 14 de junho de 1960, no Rio de Janeiro. Analisam-se como as notícias divulgadas pela mídia impressa, sobre o fato, serviram como fonte de informação para a construção das linguagens cinematográficas. Buscam-se descobrir as analogias existentes entre estes dois discursos. O referencial teórico utilizado é a Análise do Discurso, do especialista francês Patrick Charaudeau, com ênfase no discurso das mídias; e o corpus de análise abrange 04 cenas do filme “O assalto ao trem pagador” e as notícias publicadas no jornal O GLOBO, do Rio de Janeiro, entre os dias 15 e 18/06/60 sobre o assalto.

Palavras-chave

Mídia impressa, mídia audiovisual, análise do discurso, fato.

Abstract

The objective of this research is to make a comparative study between the discourse of the press and the audiovisual media discourse, in this case the cinema, the disclosure of a fact: The Great Train Robbery, which occurred on June 14, 1960, in Rio de Janeiro. It examines how the news reported by print media, about the fact, served as a source of information for the construction of cinematic language. It seeks to discover the similarities between these two speeches. The theoretical framework used is discourse analysis, the French expert Patrick Charaudeau, with emphasis on the discourse of the media, and the corpus of analysis covers 04 scenes from the movie "The Great Train Robbery" and the news published in the newspaper O Globo, Rio de Janeiro, between the 15 and the assault on 18/06/60.

Keywords

Print, audiovisual media, discourse analysis, fact.

1. Introdução

Com o intuito de informar e conquistar cada vez mais a credibilidade de seu público-alvo, há mídias que se baseiam na informação, veiculada em outros meios midiáticos, para construir um discurso interpretado e adaptado ao interesse de seu público. Assim, ocorre que a abordagem de um fato pela mídia impressa pode servir como fonte de informação para a produção de outro discurso, sobre o mesmo fato, na mídia audiovisual, considerada nesse caso de análise, como o cinema.

Desta maneira, ao compararmos a descrição de um fato veiculado por diferentes meios, percebemos similaridades e disparidades entre os discursos de cada um deles, as quais originam um outro discurso, recriado, que atinge o público por meio do sentido constituído pelas linguagens subentendidas dos meios midiáticos.

Nestas linguagens há características que mesclam o contexto real, que deu origem à determinada informação, bem como a visão, “o recorte”, daquele que o reproduziu, conforme o seu ponto de vista. E tanto na elaboração do texto escrito quanto na captação de imagens, e, também, na composição de cenas cinematográficas, observam-se traços da intencionalidade de quem reproduziu o contexto, de acordo com a sua visão de mundo, como nos afirma o autor Patrick Charaudeau:

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade, através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. Mesmo a imagem, que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade, que se descobre de forma patente quando produz efeitos perversos... (CHARAUDEAU, 2006, p. 19)

Sendo assim, a linguagem, que na mídia impressa é transposta pelo texto escrito, busca reconstituir para o leitor o fato, e procurar-se-á, baseado nele, levar ao público um retrato mais próximo da autenticidade do fato. E o texto jornalístico caracteriza-se por transcrever os fatos atuais, de maneira clara, objetiva e concisa ao leitor, permitindo ao mesmo formar uma opinião sobre o que foi exposto por esta mídia.

Como foi nosso intuito de pesquisa verificar o discurso dos dois meios midiáticos: o impresso e o audiovisual, tomamos como corpus de análise, em relação à mídia impressa, um fato, ocorrido em 14 de junho de 1960, no Rio de Janeiro: o assalto ao trem pagador, e a veiculação deste fato, pelo jornal O GLOBO, entre os dias 15 e 18 de junho de 1960.

Nossa escolha por este período justifica-se por considerarmos que houve maior incidência de notícias nessas datas, já que se trata do dia posterior à ocorrência do fato e dos três dias subsequentes ao mesmo. Além disso, as notícias veiculadas nesse período no referido jornal, tiveram maior relação com o discurso elaborado pelas linguagens audiovisual.

Inicialmente, faremos uma breve descrição de como o fato foi abordado pela mídia impressa à época de seu acontecimento, e pela mídia audiovisual, o filme “O assalto ao trem pagador”, lançado em 1962; e, após, analisaremos, comparando-as, algumas cenas do filme com as correspondentes notícias, que, em nossa opinião, serviram como fonte de informação para a construção do discurso do meio audiovisual.

O método teórico utilizado para esta pesquisa é a Análise do Discurso, do autor francês Patrick Charaudeau, enfatizando o discurso midiático, descrito no livro O Discurso das Mídias. Segundo Charaudeau este discurso

se baseia no funcionamento do ato de comunicação, que consiste numa troca entre duas instâncias: de produção e de recepção. Assim, o sentido resultante do ato comunicativo depende da relação de intencionalidade que se instaura entre essas duas instâncias. (CHARAUDEAU, 2006, p. 24)

Observamos, portanto, que a produção do filme buscou no discurso impresso do Jornal O GLOBO subsídios acerca do fato que, depois, foram transpostos e reconstituídos pelas linguagens do audiovisual, tais como: a visual, a musical, a não-verbal e a sonora.

2. O fato ocorrido em 1960

O assalto ao trem pagador da Central, como foi denominado pela mídia impressa, ocorreu numa terça-feira, 14 de junho de 1960, às 8h30min, no km 71 da linha auxiliar da Central do Brasil, próximo à Estação de Japeri, de onde partira o trem, e a três quilômetros entre esta estação e a Parada de Botais, no local conhecido como “Garganta do Diabo”, situado entre os municípios de Miguel Pereira e Japeri, no subúrbio do Rio de Janeiro.

Este assalto foi considerado pela polícia um dos mais audaciosos e bem elaborados de sua época, devido à habilidade e à perspicácia com que agiram seus executores. Naquela terça-feira, o trem, prefixo SAP-21, partiu às 8h30min, de Japeri, com uma carga de 27 milhões e 600 mil cruzeiros, armazenados em caixas de madeira, o equivalente, hoje, a R\$ 1.0002.262,27, segundo o IPC-Fipe (Índice de Preços ao Consumidor, medido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), que se destinava ao pagamento de funcionários da Rede Ferroviária Federal.

Os assaltantes, após colocarem três cargas de dinamite nos trilhos, com o intuito de provocar explosões e descarrilar a locomotiva e os vagões, renderam os passageiros e iniciaram o ataque às caixas de dinheiro. O resultado do assalto foi um saldo de 03 feridos: Círio Antonio da Silva, Leonel Esteves e Eusébio Galvão, e 01 morto: Francelino Paulo Correia, além da perda dos 27 milhões e 600 mil cruzeiros. Ao renderem os passageiros que, segundo informações do jornal, não revidaram pela situação inesperada a que foram expostos, e pela fragilidade das armas de que dispunham; e efetuarem o saque, os bandidos fugiram sem deixar pistas.

Pelo planejamento minucioso e a audácia de seus participantes, o fato desafiou a polícia, que buscou, primeiramente, descobrir como os assaltantes obtiveram informações sobre a carga do trem, e sobre o percurso que o mesmo faria até a estação de parada. Muitos ficaram na mira da polícia como possíveis informantes dos assaltantes, incluindo nestes os funcionários da Rede Ferroviária Federal.

As primeiras investigações policiais constataram que uma trilha foi aberta numa área rural, próxima ao local do assalto, o que facilitou o acesso ao trem; tarefa desempenhada por outro integrante do grupo, “Manuel Gordinho”, que mais tarde, se tornaria testemunha principal nas investigações policiais. Toda a ação do grupo antes e durante o assalto foi vigiada por Geraldo José da Silva Ribeiro, “o Manacéia”, que era o olheiro do bando.

A polícia ao encontrar objetos como: um maço de cigarro, uma garrafa de uísque e um talão de cheques de viagem, suspeitou logo que os assaltantes pernoitaram no local; estes vestígios também levaram à desconfiança de que o assalto poderia ter sido praticado por uma quadrilha internacional. Porém, de acordo com o depoimento de “Manacéia” no Jornal da Tarde, de 28/11/1973, tudo não passou de uma estratégia do grupo para confundir os policiais.

Segundo reportagem do jornal (O GLOBO, 02/07/72, p. 45) “E foi o acaso completado pelo fato de serem os assaltantes conhecidos no Morro da Mangueira, que levou os policiais à primeira pista meses após.” Depois de um levantamento sobre a vida de

“Manuel Gordinho”, irmão de “Tião Medonho” (Sebastião de Souza) e líder do grupo responsável pelo assalto, que levantou suspeita no morro ao afirmar que poderia comprar o barraco de todo o mundo, a polícia chegou à testemunha principal que levaria ao restante dos integrantes do bando.

Ironia ou não, na noite de 30 de maio de 1961, quando a 15 dias o assalto completaria um ano de acontecimento sem solução concreta sobre o ocorrido, “Manuel Gordinho” foi preso. A partir da prisão de Gordinho, os outros integrantes do grupo são descobertos. Foi ele quem denunciou a polícia seus cúmplices no assalto. Faziam parte do grupo, também: Valter de Souza, o “Valter Cachaça” e Edvar Gomes. Por meio de Gordinho, que marcou um encontro com seus irmãos na ponte do bairro Coelho Neto, no Rio de Janeiro, a polícia chegou até os mesmos. Tião Medonho, após trocar tiros com os policiais foi gravemente ferido e, antes de falecer:

[...] apontou Nilo Peru como chefe do grupo e o comerciante João Jacob Issa Milieme como mentor intelectual do golpe. Explicou a morte do lanterneiro Rubem de Almeida, que fora convidado para participar e se recusara. Tião disse ainda que pretendia matar Dolores Maia de Barros e Hilda de Sousa, amantes de Nilo, além do próprio Jacob, que o enganara na partilha. (O GLOBO, 02/07/72, p. 45)

Apesar da repercussão do fato, dos integrantes do grupo que assaltaram o trem pagador, apenas três foram presos e cumpriram pena: Anástacio, Zeferino e Geraldo José da Silva Ribeiro, “o Manacéia”. Os outros: “Mário Nortista” e “Zezé Gigolô” nunca foram presos nem condenados, segundo depoimento de “Manacéia”, no O JORNAL, em 28/11/1973. “Manuel Gordinho” foi absolvido e os dois primeiros morreram em São Gonçalo, sendo que, antes, conseguiram liberdade condicional. Quanto a “Nilo Peru”, foi considerado, na época, morto. E o dinheiro do assalto é um mistério que perdura até hoje, pois segundo fontes da época, jamais fora encontrada a quantia exata ou aproximada da fortuna que foi roubada em 1960.

3. O filme “O assalto ao trem pagador” lançado em 1962

O filme “O Assalto ao Trem Pagador” é um filme brasileiro, de gênero policial, dirigido e roteirizado por Roberto Farias, com a colaboração de Luiz Carlos Barreto na elaboração do roteiro. Foi produzido em 1962, dois anos após o assalto, e tem duração de 103min, na cor preta e branca. O filme foi exibido, pela primeira vez, no Palácio Alvorada, em Brasília, em 09/07/1962, na época, o Presidente da República era João Goulart.

Dos atores que participaram do elenco da produção cinematográfica destacaram-se: Eliezer Gomes (Tião Medonho), Grande Otelo (Cachaça), Reginaldo Farias (Grilo Peru), Jorge Dória (Delegado), Ruth de Souza (Judith), Luiza Maranhão (Zumira), Dirce Migliácio (esposa de Edgar), Átila Iório (Tonho), Miguel Rosenberg (Edgar), Clementino Kelé (Lino), Gracinda Freire (esposa de Miguel).

O filme expõe toda a história do assalto desde a rendição do trem pagador até a morte de Tião Medonho, culminando com a descoberta de uma parte do roubo, na porta de um guarda-roupa, na casa do líder do grupo, num morro, após sua morte. A obra retrata toda a trajetória que fez a polícia até encontrar os autores do assalto, descreve a suposta morte de “Grilo Peru”, e a apreensão de “Manuel Gordinho”, que resultou na delação dos demais integrantes do grupo, e termina com a despedida do morro de uma das mulheres de Tião Medonho: Zulmira e seus quatro filhos.

A trilha sonora do filme, de autoria de Remo Usai, é composta pelas seguintes faixas: “O Trem Pagador”, “Morre uma criança na favela”, “Assaltantes em fuga”, “Tentação”, e “O fim”. O filme foi financiado com recursos do Banco Nacional de Minas Gerais, num acordo de co-produção com a Produtora Herbert Richers.

Esta produção cinematográfica ganhou os seguintes prêmios: Prêmio Saci (1962), de Melhor ator coadjuvante (Jorge Dória), Melhor Atriz coadjuvante (Dirce Magalhães) e Melhor Roteiro (Roberto Farias); Prêmio Governador do Estado de São Paulo (1962), de Melhor Roteiro (Roberto Farias); do V Festival de Cinema de Curitiba (1962), de Melhor atriz Coadjuvante (Luiza Maranhão), de Revelação (Eliezer Gomes); do Festival de Cinema da Bahia (1962), de Melhor Filme, de Melhor Ator (Eliezer Gomes), Melhor Atriz Coadjuvante (Luiza Maranhão) e Melhor Roteiro (Roberto Farias).

Destacou-se, ainda, em Festivais Internacionais de Cinema como: o Festival de Lisboa (1963), quando ganhou o Prêmio Caravela de Prata, o Festival de Arte Negra (1963), no Senegal, quando conquistou o Prêmio Especial do Júri. E representou, também, o Brasil no Festival de Veneza, em 1962.

4. Analogias entre o texto jornalístico e as linguagens do audiovisual

Ao analisarmos as cenas do filme “O assalto ao trem pagador” mostradas: do início do filme até os 8min45s, aos 12min33s e aos 22min43s e as compararmos com o texto jornalístico, das notícias veiculadas no jornal O GLOBO nos dias 15/06/60 e 18/06/60 percebemos que os discursos dos dois meios midiáticos apresentaram bastante similaridade. Como exemplo disto, podemos citar as notícias publicadas em 15/06/60, as quais descreveram para o leitor, detalhadamente, como ocorreu o assalto. A divulgação abrangeu toda a página 06 do jornal.

Na primeira página, o leitor daquela época se deparou com um título atrativo, em fonte caixa alta, o qual dizia: “BANDIDOS DE MÁSCARA E LUVAS MATAM UM FERROVIÁRIO, FEREM 04 E FOGEM COM 27 MILHÕES”, destacado no lado superior direito da página. O uso de fonte caixa alta, considerado comum nas primeiras páginas de jornal, hoje, segundo o que observamos, em 1960, servia como um atrativo para o leitor; era uma estratégia persuasiva utilizada para destacar os títulos das matérias de conteúdo relevante, pois se atentarmos para as primeiras páginas de O GLOBO, na época, notamos uma variedade de fontes e de formatos na divulgação das diferentes matérias. Não há um formato padrão de diagramação das páginas, o qual defina um planejamento gráfico específico daquele jornal.

O título da matéria sobre o assalto informa ao leitor um resumo do fato. E, em toda a página 06, o acontecimento envolvendo o trem foi descrito, minuciosamente, para o público-alvo do jornal. Há informações referentes ao local do assalto, o horário, as vítimas, a maneira como o trem foi abordado, bem como os recursos utilizados pelos assaltantes, além da fuga com o roubo milionário. Uma introdução, idêntica a um resumo, antes do desenvolvimento do texto jornalístico, permitiu ao leitor se inteirar do fato antes de ler os diversos intertítulos que constituíram a abrangente matéria jornalística.

Aspecto descritivo semelhante se observa no início do filme, que também introduz o espectador ao assunto, quando mostra os bandidos de máscaras e luvas ao som de uma música de ação e suspense, que dão ao espectador a idéia de que algo inesperado está para acontecer e, simultaneamente, o informa como o assalto foi planejado pelas cenas que mostram a armadilha do grupo para descarrilar o trem. Em apenas 8min45s, todo o acontecimento chega

ao espectador baseado nas informações jornalísticas, que ao mesclar-se com as linguagens do audiovisual reconstituem ao espectador o fato verídico.

É como se o texto jornalístico dialogasse com o roteiro da produção fílmica, que reconstituiu o fato por meio das linguagens do audiovisual. Destaca-se a importância em recriar um contexto próximo do fato, já que o filme é em preto-e-branco e não teve o auxílio das cores, para dramatizar o acontecimento nas telas com mais autenticidade.

Os movimentos de câmera na composição das cenas também reconstituíram a seqüência do ocorrido ao público, de modo que um espectador que tivesse acesso a nenhuma informação sobre o fato conseguiria interpretá-lo, facilmente, apenas com base no discurso da mídia audiovisual.

Na mesma matéria jornalística divulgada em 15/06/60, a mídia impressa descreve o local do assalto como: “um cenário deserto e romântico para o desenrolar do espetáculo sangrento” (O GLOBO, 15/06/60, p. 6), discurso que se observa do início do filme até os 8min45s, pois as linguagens do audiovisual se preocupam em reconstituir para o espectador o que aconteceu desde o planejamento do assalto até a abordagem do trem pagador. As cenas, também, retrataram uma área rural e desabitada com foi descrito pelo jornal o palco do acontecimento.

O texto do jornal divide a informação em intertítulos como: “o assalto”, “o saque”, “os socorros”, “o plano do assalto”, “o local” entre outros. Seqüência similar observa o espectador do filme; e comparando o discurso dos dois meios, conclui-se que as diversas linguagens audiovisuais acompanhadas pelo narrador-câmera introduzem o espectador no assunto na mesma sucessão de como as informações formaram o conteúdo do texto jornalístico. É como se as cenas dialogassem com os textos jornalísticos que apresentaram um roteiro a ser seguido pela produção do audiovisual, análogo à divisão do texto jornalístico em intertítulos.

Percebe-se, portanto, que o discurso da mídia impressa foi transposto para a linguagem do audiovisual, que construiu um sentido ao espectador bem próximo do noticiado pela mídia impressa, complementado pelas linguagens visuais, como a sonora e a musical que incitaram a atenção do espectador, prendendo-a ao fato.

Após quatro dias do acontecimento, a atenção da mídia impressa se preocupou em dar uma continuação do fato ao leitor, porém, com menos relevância. As notícias passaram a ocupar menos destaque no jornal. Elas retrataram informações sobre o andamento das investigações acerca do assalto.

Assim, resultou que, em 18/06/60, na mesma página 06 de O GLOBO, o leitor teve acesso às informações sobre o trabalho pericial, que pouco avançou desde o dia do acontecimento. E um dos aspectos desse texto foi conteúdo dos 12min33s do filme, nos quais se mostram cenas que tratam das investigações, com a presença de um jornalista, que acompanhou todas as ações do delegado, responsável pela cobertura do caso. Na busca incessante por informações, o repórter acabou atrapalhando as ações periciais, e retardando a descoberta de suspeitos, pois deixou suas digitais no megafone e na garrafa de uísque, objetos utilizados no assalto, conforme informações de O GLOBO, de 18/06/60, no intertítulo denominado “trabalho pericial”.

Outro aspecto relevante no filme, no qual a mídia impressa serviu como fonte de informação para a construção do discurso do meio audiovisual, é mostrado aos 23min13s e aos 43min34s, quando os próprios assaltantes acompanham as investigações sobre o assalto por meio do jornal. O fato aconteceu, na realidade, quando um dos integrantes do bando que assaltou o trem, o “Manacéia”, descobriu pelo jornal que estava sendo acusado e procurado pelo roubo.

Uma das cenas mostra o personagem interpretado pelo ator Reginaldo Farias (“Grilo Peru”) no centro do Rio de Janeiro, observando um jornal, na banca, que traz informações acerca do assalto; se compararmos essa cena com o que foi divulgado, em 18/06/60, na mídia impressa, percebemos que um dos suspeitos pelo assalto: Jaime Laureano de Freitas tem perfil físico, segundo o que o jornal descreveu, parecido com o personagem interpretado pelo ator Reginaldo Faria.

O GLOBO o descreveu como: “um indivíduo de péssimos antecedentes, sempre envolvido em assaltos espetaculares e furtos de grande vulto. Forte, de cor branca e boa aparência, também em seu aspecto físico parece identificar-se com um dos assaltantes descritos pelas testemunhas.” (O GLOBO, 17/06/60, p. 3)

Já o filme o mostra como um dos integrantes do grupo que assaltou o trem pagador; e a principal testemunha, que mantém importante ligação com o “engenheiro” que seria o mentor intelectual do famoso assalto. Um personagem imaginário do qual nunca se soube, no filme, qual era a sua verdadeira identidade. Além disso, as dúvidas perduram até hoje, pois há incertezas se ele realmente planejou o assalto.

Analisando as cenas fílmicas e os textos jornalísticos do corpus desta pesquisa, percebemos que a mensagem dos meios midiáticos molda-se conforme a intencionalidade daquele que a produz; e daquele que irá recebê-la, o público-alvo, de cada meio.

No caso em questão, a linguagem escrita permitiu ao leitor “criar” uma imagem daquilo que leu, já as linguagens audiovisuais retrataram uma história baseada num fato, que, também, foi interpretado pela mídia impressa. Apesar da analogia entre os discursos dos dois meios, as interpretações que cada leitor/espectador fez foram diferentes. Assim, a mídia sempre está atenta aos anseios e as possíveis opiniões do receptor a respeito de determinada informação.

O “como” o fato ocorreu é o discurso reconstituído pelo texto escrito e pelas imagens cinematográficas. O filme constrói um imaginário no espectador e o jornal também cria imagens que emanam do texto jornalístico. E, neste caso de análise, a mídia audiovisual se apropriou das informações jornalísticas e as recriou com outras linguagens características deste meio.

5. Considerações finais

Na elaboração do discurso midiático busca-se persuadir o público-alvo com uma linguagem que reúna as características de clareza, concisão, objetividade, e que seja o mais direta possível a quem se direciona.

Neste caso de análise, observam-se que as informações que atingiram o espectador foram plurais, já que a mídia audiovisual se apropriou da descrição de um fato, divulgado pela mídia impressa, como uma fonte de informação para a construção da linguagem cinematográfica. Esta linguagem que reúne características visuais, musicais e sonoras estabeleceu um diálogo com o que foi divulgado na mídia impressa e produziu um sentido ao espectador.

Tal sentido também foi influenciado pela intencionalidade de quem o produziu, portanto, foi um sentido reconstruído, que é determinante do conteúdo dos produtos midiáticos que atingem os diferentes públicos dos meios. Aspecto descrito em *O Discurso das Mídias* (CHARAUDEAU, 2006, p. 19) como o fato de que “as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público.”

Hipótese compartilhada pelo Professor Muniz Sodré, no livro *Epistemologia da Comunicação*, quando diz:

a mídia vive do discurso que faz sobre sua própria simulação das outras realidades. Não se trata de discurso sobre representações de substâncias históricas, mas de discurso sobre discurso.

Em termos cognitivos, o campo impõe-se ao mesmo tempo como evento indicativo da ruptura que a filosofia analítica contemporânea opera com a tradição fenomenológica: 'não são mais as questões da relação entre sujeito e objeto nem da intersubjetividade que são essenciais, são as da linguagem, da produção da argumentação, das condições de verdade da enunciação e das modalidades da compreensão. A 'objetividade' comunicacional é puro discurso, prevalentemente auto-referente. (MUNIZ SODRÉ, 2003, p. 309)

E em relação à produção de sentido, Charaudeau (2006, p. 19) afirma que: “o texto produzido é portador de ‘efeitos de sentido possíveis’, que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção. Com isso, toda análise de texto nada mais é do que a análise dos “possíveis interpretativos.”

Assim, a reconstituição do fato constituído pelas diferentes linguagens midiáticas aproxima o interesse do espectador/leitor da autenticidade do acontecimento. E, nesta pesquisa, percebemos que o discurso informativo da mídia impressa ofereceu subsídios teóricos para a construção das linguagens do audiovisual, gerando discursos análogos sobre um fato real, porém, readaptados e divulgados por dois diferentes meios midiáticos.

Esse contexto foi originado pelo fato real, que constituído pelas linguagens midiáticas adquiriu novos sentidos e novas versões, adaptados as características dos meios nos quais foi veiculado, deixando o próprio leitor/espectador formar a sua opinião acerca da informação divulgada pelos dois meios. Informações, estas, caracterizadas pelas linguagens distintas que recriaram o fato buscando atingir o horizonte de expectativa do leitor/espectador.

Referências

- AUMONT, Jacques. **As teorias dos cineastas**. São Paulo: Papyrus, 2004.
- CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 211 p.
- CANEVACCI, Massimo. **Antropologia do cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 175 p.
- _____. **Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. 100 p.
- CHARAUDEAU, Patrick. **La critique cinématographique: faire voir et faire parler**, in *La Presse*, produit, production, réception, Didier Érudition, Paris, 1988.
- _____. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. 285 p.
- FARIAS, Roberto. **O assalto ao Trem Pagador**. [Filme]. 1962. DVD. 103 min.
- GARCIA, Luiz. **Manual de redação e estilo do globo**. 21.ed. São Paulo: Globo, 1995. 243 p.
- JORNAL DA TARDE. São Paulo, Nov. 1973.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. 345 p.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, ano 36, n. 10464, 10466, 10467, Jun. 1960, p. 6.
- _____. Rio de Janeiro, Jun. 1972. p. 45.
- ROSSINI, Mirian de Souza. **Favelas e favelados: a representação da marginalidade urbana no cinema brasileiro. Sessões do Imaginário**. PUCRS: Porto Alegre, n.10, p. 29-34, 2003. FAMECOS.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. São Paulo: Papyrus, 1994. 152 p.

